

A REVOLUÇÃO CUBANA VISTA PELOS ANARQUISTAS: UM EXERCÍCIO DE INTERPRETAÇÃO

SAMUEL VICTOR ZUKOWSKI^{1*}, JESSICA CHRISTY DA SILVA², CÁSSIO BRANCALEONE³.

1 Introdução

O anarquismo constitui uma teoria política e social de caráter anticapitalista que critica as múltiplas formas de poder e hierarquia responsáveis por reproduzir estruturas de dominação, sobretudo o Estado moderno. Propõe sociedades autogeridas, fundadas na solidariedade, cooperação e liberdade. Pierre-Joseph Proudhon, primeiro autor a se autodenominar anarquista, influenciou gerações de pensadores como Bakunin e Kropotkin.

Com o tempo, distintas correntes surgiram: o anarquismo individualista, centrado na autonomia do indivíduo; o anarcocomunismo, defensor da coletivização; o anarcossindicalismo, voltado à organização dos trabalhadores; além de vertentes como o anarcofeminismo e o anarquismo verde. Experiências históricas reforçaram essa tradição, como a Comuna de Paris (1871), a participação na Revolução Russa (1917-1921) e o protagonismo na Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

A Revolução Cubana (1959) consolidou-se como marco político mundial e referência simbólica para a esquerda. No entanto, a ênfase dominante no marxismo-leninismo e na liderança de Fidel Castro pelo Movimento 26 de Julio (M26J) obscureceu a atuação de outros grupos, entre eles militantes e sindicatos anarquistas. Assim, este estudo busca contribuir para a reconstituição da diversidade de forças sociais que compuseram o processo revolucionário cubano, destacando as linhagens libertárias e antiautoritárias.

2 Objetivos

Geral:

¹ Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Erechim. samukavz09@gmail.com

² Graduando em Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Erechim. jeeh.christy@gmail.com

³ Prof. Dr em Sociologia. - Curso de Ciências. Sociais, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Erechim contato: cassio.soares@uffs.edu.br

- Examinar o papel e a participação de organizações e militantes anarquistas durante o processo de gestação da Revolução Cubana.

Específicos:

- Investigar o envolvimento e a participação de indivíduos e grupos anarquistas na Revolução Cubana de 1959, mapeando documentos e fontes primárias que remontam à década de 1940 até 1960;
- Analisar as ideias, estratégias e táticas anarquistas empregadas durante o processo insurrecional em Cuba;
- Entender as disputas ao redor das dinâmicas políticas, sociais e ideológicas que ajudaram a moldar as representações vigentes da Revolução Cubana;
- Compreender o impacto e legado do anarquismo na Revolução Cubana e seu significado para os movimentos sociais contemporâneos.

3 Metodologia

A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada em análise documental e revisão bibliográfica, com foco no período de 1940 a 1960. As fontes incluem relatos de exilados, como Abelardo Iglesias e Agustín Souchy, além de publicações como *El Libertario*, *Solidaridad Gastronómica* e o Manifesto de 1960 da Agrupación Sindicalista Libertária de Cuba.

Esses materiais encontram-se dispersos em acervos do Brasil, Argentina, Holanda, Suíça e Cuba, entre eles o Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), a Biblioteca Terra Livre (São Paulo), a Biblioteca José Ingenieros e o CeDinCI (Buenos Aires), o International Institute of Social History (Amsterdã), o CIRA (Lausanne) e a Biblioteca Nacional José Martí (Havana).

O estudo busca compreender como discursos anarquistas representaram e contestaram a Revolução Cubana, propondo uma leitura crítica que recupere aspectos silenciados pela historiografia oficial e evidencie disputas de memória e significado.

4 Resultados e Discussão

Nos anos que antecederam a Revolução Cubana, os anarquistas islenhos estavam ativos em várias frentes, incluindo sindicatos, movimentos estudantis e grupos de resistência política, compreendendo o que pode ser tipificado como anarquismo de massas. Organizações anarquistas-

tas, como a *Asociación Libertária de Cuba* e o *Sindicato Gastronómico*, que editavam respectivamente os jornais *El Libertário* e *Solidaridad Gastronómica*, desempenharam um papel relevante na mobilização popular e na disseminação de ideias libertárias.

Os anarquistas cubanos também estabeleceram laços com outros movimentos sociais e políticos, demonstrado uma genuína atitude antidogmática visando a derrubada da ditadura de Batista. Durante a fase armada da Revolução Cubana, muitos se juntaram à grupos rebeldes que lutavam nas montanhas e nas cidades contra o regime de exceção. Figuras como Gilberto Lima, Luis Linsuaín, Plácido Méndez e Isidro Moscú, que integraram o M26J e o Diretório Revolucionário, foram exemplos proeminentes de anarquistas que participaram ativamente da luta armada. E embora o movimento encabeçado por Fidel Castro aderisse posteriormente ao marxista-leninismo como orientação ideológica, as ideias anarquistas influenciaram alguns aspectos da Revolução Cubana, como a reforma agrária e a ênfase na democratização da educação e atenção à saúde, refletiam ideias compartilhadas por anarquistas e socialistas libertários.

A participação e existência política dos anarquistas cubanos se encerrou com a afirmação do regime socialista de tipo estatal-autoritário, alinhado à URSS, assumido finalmente por Fidel Castro e seus colaboradores mais próximos, culminando na eliminação física ou exílio dos militantes libertários, no espectro dos chamados “dissidentes contrarrevolucionários”.

Os anarquistas na luta contra Batista evidenciam um paradoxo central da Revolução Cubana: aqueles que contribuíram ativamente para a derrubada do regime, acreditando estar pavimentando o caminho para uma sociedade livre de opressões, foram rapidamente marginalizados com a consolidação do novo governo. Essa ruptura foi acompanhada por um sistemático silenciamento histórico que relegou a participação anarquista à completa invisibilidade. Fernández destaca que a historiografia oficial, moldada pela narrativa do castrismo, suprimiu deliberadamente as referências à atuação libertária, de modo a consolidar a imagem de uma revolução monolítica conduzida pelo Movimento 26 de Julho e por Fidel Castro. A memória anarquista, preservada principalmente no exílio por meio de publicações como *Guáncara Libertaria* e redes de militantes espalhados pelas Américas, constituiu um contracampo narrativo fundamental para recuperar a diversidade ideológica que marcou o processo revolucionário. Esse apagamento não é apenas uma distorção do passado: ele cumpre um papel político ativo, dificultando que novas gerações conheçam alternativas libertárias e reforçando a legitimidade da versão oficial.

A própria decisão dos anarquistas cubanos de se aliarem a comunistas e nacionalistas no período pré-revolucionário revela a postura antidogmática que caracterizou parte significativa do movimento. Para Fernández, essa atitude refletia a consciência de que apenas uma frente ampla poderia derrubar Batista, quanto uma confiança na capacidade de influenciar o curso da revolução de dentro. Contudo, essa aposta teve custos elevados: ao abrirem mão de estruturas organizativas autônomas durante o combate, os anarquistas reduziram sua capacidade de resistir à centralização do poder cubano. A experiência mostra, assim, a tensão permanente entre a necessidade de alianças táticas e a preservação da autonomia política.

A existência de organizações e militantes anarquistas nas dinâmicas que deram curso à Revolução Cubana é um aspecto emblemático e desprezado da história cubana e da história do movimento revolucionário do século XX. Além disso, a análise da presença ativa dos anarquistas nesse processo histórico fornece perspectivas únicas sobre o potencial e os desafios enfrentados pelos movimentos libertários e antiautoritários em contextos de mudança social e política.

5 Conclusão

Os anarquistas desempenharam papel relevante na formação das condições que possibilitaram a Revolução Cubana, especialmente entre as décadas de 1940 e 1960, atuando em sindicatos, frentes estudantis e grupos armados. A investigação documental revelou tanto a diversidade estratégica das organizações quanto as contradições vividas no processo revolucionário.

O resgate de suas experiências evidencia que a trajetória anarquista em Cuba oferece lições sobre limites e potencialidades da participação libertária em revoluções conduzidas por forças centralizadas. Refletir sobre essas contradições permite questionar estruturas de poder e pensar alternativas horizontais de organização social. Nesse sentido, iniciativas acadêmicas que articulam teoria e prática crítica demonstram o valor de recuperar memórias marginalizadas para compreender a complexidade das lutas sociais.

Referências Bibliográficas

BAKUNIN, Mikhail. *Estatismo e anarquia*. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

BAMBIRRA, Vania. *La revolución cubana: orígenes, desarrollo y perspectivas*. México: Siglo XXI Editores, 1971.

BELLÉ, Júnior. *Revolução Cubana: mais à esquerda que o castrismo*. São Paulo: Editora Faísca, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

CAPPELLETTI, Angel; RAMA, Carlos. *El anarquismo en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1990.

CHOMSKY, Noam. *Sobre o anarquismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FERNÁNDEZ, Frank. *El anarquismo en Cuba*. Madrid: Fundación Anselmo Lorenzo, 2000.

KROPOTKIN, Piotr. *A conquista do pão*. São Paulo: Hedra, 2010.

LEVAL, Gastón. El castro-comunismo no puede engañar a nadie. *Reconstruir*, Buenos Aires, n. 21, p. 25, nov./dic. 1962.

PERÉZ-DEL RÍO, José Antonio. O pensamento libertário e a Revolução Cubana: encontros e desencontros. *Revista Anarchia*, v. 18, 2015.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *O que é a propriedade?*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RODRIGUEZ TREJO, Eduardo Daniel. Los anarquistas y la Revolución cubana: entre el júbilo y el desencanto. *Pacarina del Sur*, año 11, n. 42, ene./mar. 2020. Disponível em: <https://www.pacarinadelsur.com>. Acesso em: 9 ago. 2025.

RODRIGUEZ, Carlos Rafael. *La Revolución Cubana*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1965.

VIANA DA SILVA, Rafael. Consensos e dissensos latino-americanistas: comparando a polêmica da Revolução Cubana no anarquismo argentino e uruguaio. *Revista Vernáculo*, Curitiba, n. 44, 2019.

WOOD, Daniel B. *Anarquismo: uma introdução*. São Paulo: L&PM, 2013.

Palavras-chave: Anarquismo; Revolução Cubana; Autogestão; crítica ao Estado; Movimentos sociais.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES 2024-0178

Financiamento